

O Rio com Nossos Peixes, Devolvam

Leandro Machado apresenta um ensaio visual que é, ao mesmo tempo, prosa poética: dois movimentos, um visual e o outro verbal, mas nenhum meramente acompanha o outro, como música de fundo. O artista fala dos rios, dos sons e cheiros, das flores, dos terrores, dos tambores. É um canto lírico das sensações brasis sem fronteira entre os países ou entre as palavras que inventa. Pontos de vista da cidade no encontro com a praia, a paisagem, o vento e o peso, por trás do véu da beleza que esconde o racismo.

Alice Monsell

The River with Our Fish, Give them Back

Leandro Machado presents a visual essay that is also poetic prose: two movements, one visual and the other verbal, but neither merely accompanies the other, as would background music. The artist speaks of rivers, sounds and smells, flowers, terrors, drums. It is a lyrical song of Brazilian sensations without a border between countries nor between the words he invents. Views of the city encounter the beach, the landscape, the wind and the weight, for behind the veil of beauty hides racism.

Alice Monsell

O som que preenche o espaço não hesita em entrar pelos teus buracos, tamanho é o desejo por tecer implosões dentro de outras: estiletos de canções, abraços, memórias nunca vividas, palavras e cores.

Quando rabecas e violinos arderam [consumindo de uma só vez plateia e camarote], veio ela se proteger do vento na curva da minha perna. É essa uma história bonita entre amigas.

Seguro as mesmas mãos grossas cansadas pela jornada de trabalho. A facão passei a cortar as mazelas em anéis bem finos, quase transparentes, e os sinos e os hinos. Da segunda vez em que me atiraram a voz numa cela imunda, o poema reencarnou - na casca da banana na clara da gema do ovo no óleo de coco de babaçu.

...e lírios lírios vozes de...

Perdi o sono no meio da noite, no escuro, sozinha. Sonhos de vingança da criança que fui retornam. Irmã das montanhas do pato do grão de safira - asas de cera abrasando o infinito - sendo na imensidão da trilha um silêncio de grilos.

Carregando tabaco suficiente e dedos acesos, solta a campo, de vermelho e noite, caminha inteira no escuro.



Da maneira que foi possível e quando pode buscou os alargamentos e os excessos, por pura reinvenção - querendo a vida correndo pelo lado contrário do funil. Mulher negra alta alta alta... Sobre o que bem quisier, o que bem entender, passou a falar e a pensar para fora [através desse megafone, fazendo uso desse funil alto-falante]. Buscando a serenidade ao decidir que nem um assunto precisa ser tomado de constrangimento, receio, medo. Ainda que sinta o corpo e a palavra marginalizados, continuamente desautorizados, pois na base da base da pirâmide - a exemplo de outras tantas.

O abacateiro no seu hábito de desaforar caroços te derrama sobre o telhado da casa, sobre os vizinhos que passam indo e vindo, sobre a luz de pretos e brasinós.

Amei-lhe desde o primeiro instante - tingido de urucum meu homem lutava boxe. Pranteava, marejando as palavras, ao ouvir Chabela Ramírez. E tomava vinho que nem água e vinho que nem água. Hoje, não chora mais. Toda água que nem água, inunda, carrega-lhe os vazios.

Presos, nós estamos presos à cadeia alimentar capitalista – de mandos e desmandos. Entregando o tempo, a força, o corpo, trabalhando no máximo por um punhado de sal. Presos, desferindo golpes, lançando pedras gritos e cuspes que em realidade não impedem o saque de um por um dos nossos direitos. É preciso voltar a habitar as ruas, se encontrar, fazer barricada com um corpo coletivo de escuta.

Sete avós te acompanham, sete velas te alumiam...

Vêm nessa bolsa as mulheres que trago dentro. Pelas baixas, pelas esquinas, pelos pontos do bonde, nas catracas, nos botecos, nos planos inclinados, nas casas de bilhar, nos terreiros, nos toques de tambores, nos restaurantes, nos campos elísios de futebol de várzea, nas rodas de capoeira, nos domingos de chuva, nas quebradas, nos cartórios, nos metrô, parques públicos manifestações...



Abandonei o conforto da casa apertando a vida em sapatos menores. Diante a perspectiva dos estreitos, dos buracos, das fendas ensanguentadas de lama e a dificuldade para distinguir as letras de perto aumentando.

Ela não é só uma Puta, esqueceram-se intencionalmente de dizer a público que ela é também uma Buda – capaz de perceber a realidade sem filtros barreiras anteparos, viver em harmonia, controlar a si mesma, sua fala pensamentos e emoções. Amar zen.

É ela, olha, é ela, eu conheci pelo caule. Tira o sofrimento.

A casa de minhamãe é um ninho de afetos, desde o principio da memória porta disposta a receber. Mas aqui nessa distância, nesse hospício, me rancaram do convívio, me amarraram e plantaram vozes de lírios na minha cabeça.

É somente através desse cigarro de contrabando que o pensamento alcança o fundo do mangue.

Duas mulheres negras no vídeo falando de democracia, política, poder: abismada ao entender que pela primeira vez, em 47 anos, me vi na TV do Brasil. Isso leva água ao moinho e vento ao cata-vento. Modifica as formas, esculpe, desenha outro mapa de realidade. Faz a primavera possível horizonte nesse som que preenche, nessas implosões dentro de outras.

No cheiro dos sovacos é que te recupero e te trago pra junto.

Quero ler um parágrafo póstumo dessa dobra cúrcuma, enquanto ainda estamos, enquanto ainda podemos.

Sobre a penteadeira a coleção de fios brancos e bolinhas de sagu; Sob a proteção da Igreja pedófilosabusadoresestupradores rezam missa em latim; Protegidos pelo Estado scapangascapitãesdomatolacaioscapatazes prepostos juízes tropas de choque transitam impunes...

Rebola bambolê meu corpo mole amolece o torto do rapa da dita dura. Inquieta ação. Pensamentos como espada.



Vou te começar de novo!

Quando me mataram, na segunda-feira, a TV olhava distorcendo os fatos de uma jaula de ferro amarrada com cadeado. Grades em toda parte, excessivamente grades [que apartam limitam impedem separam segregam ameaçam amedrontam]. O projeto de tragédia tornou-se uma escola pública. Silenciosa sobre a história dos indígenas e dos africanos: no Brasil, nas Américas, na Europa.

Sem o menor pudor num país que não lê.

Que dias são esses que estamos a viver? Não sei dizer em qual outro país atacam à bala, à bomba, com constrangimento moral professoras de escola pública! É necessário marcar, estilhaçar, amordaçar, e ainda manter-nos cativas na solidão da sala de aula.

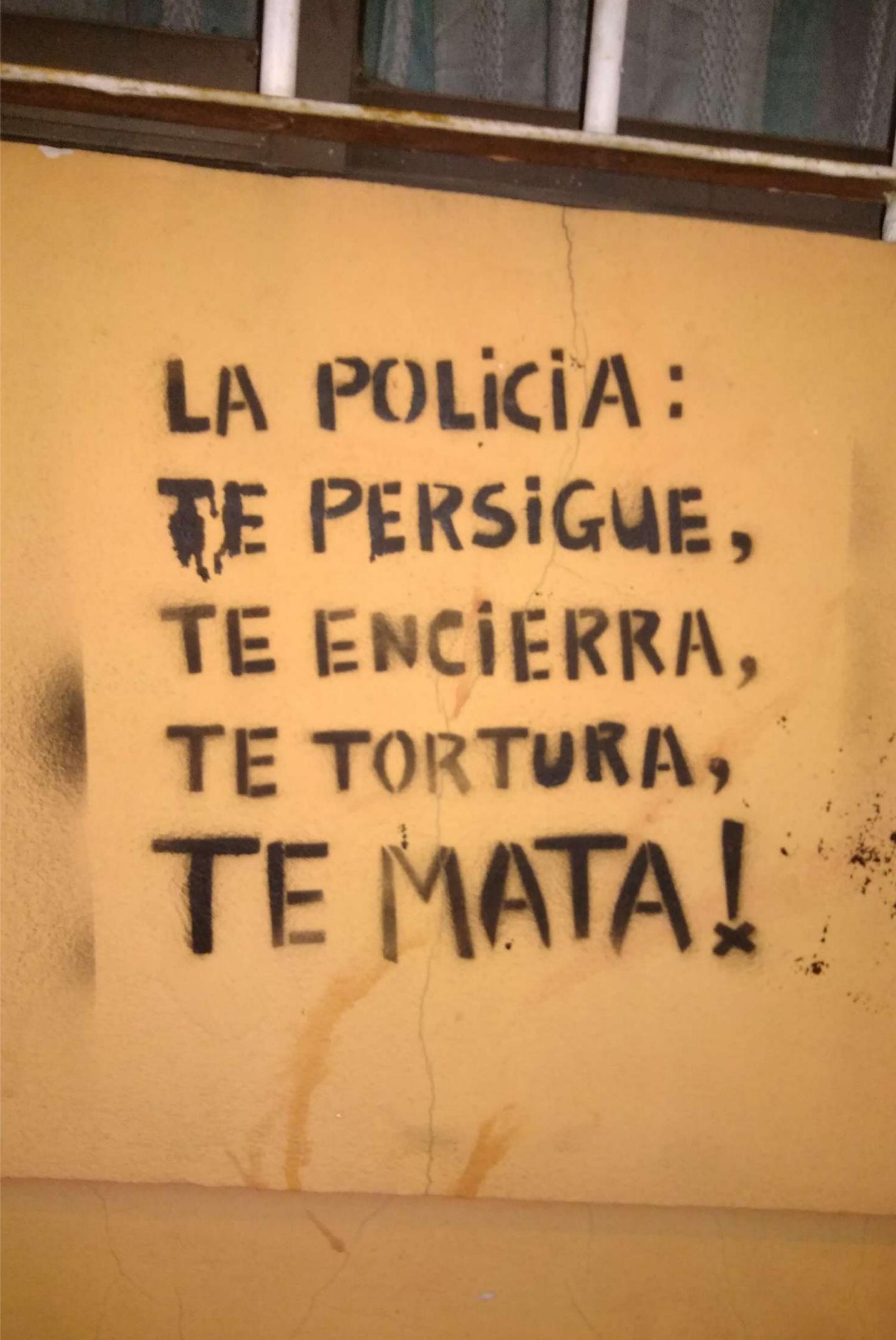
Varro escadas, lavo as vidraças, encero o chão, retiro o lixo, limpo espelhos, lustro os metais, lavo a louça, costuro a roupa, guardo tua casa, lavo teu carro, estaciono, recolho dejetos cacas cocôs, varro a calçada, rego o jardim... Faço faxina. Sou faxineira, empregada doméstica, mãe, diarista, cerzideira, guardador de carros, motoboy, jardineiro, porteiro. Alfabetizada pela Rua. Sem o menor pudor num país que não se lê.

Quando iremos nos desencobrir para novamente imaginar que podemos bem mais? Pretérito imperfeito eterno presente.

Espaços de mim: na Parada Gay soul eu [as curvas, os meandros].

Negras tingidas de negro, unguidas de negro. Tingidas de negro, unguidas de negro.

Teus brincos de princesa me arranham com beleza de ourivesaria e delicadezas de lágrimas de pau de chuva. Mesmo do outro lado da porta tenho certeza de quando são teus os passos a subirem os degraus, pelo arrastar do tempo. Estou afetada e isso não tem saída. O problema é a palavra amortecer. Pelos cômodos da casa sigo me juntando em teus grampos. A vida já foi mais simples e minha cidade tão mais bonita.



LA POLICIA :
TE PERSIGUE,
TE ENCIERRA,
TE TORTURA,
TE MATA!

Para que botar perfume na flor?

A música liga as periferias do Brasil. A música me conecta com a América Latina inteira. O dia passando pra noite, noite pro dia, e o racismo que já nem se esconde dentro, a todo o momento escarra escancara em nós os seus 39 quilos de vaia. Lógica de extermínio, necropolítica. Hoje uma dor nova e uma cova rasa diante da matança legalizada da população negroindígena. Que invisíveis sangram até o fim nos manicômios presídios favelas florestas.

Não vá morrer com a rima na garganta, MC!

Véus e tapumes revelam a cidade abandonada, suja. Tudo crescido quebrado vazio amargo - certo de que em algum momento isso será usado contra a tua pessoa. Aprendi a saborear os aplausos com gosto de vaia, das repetidas vezes em que subi em mesas e estantes para maldizer ou louvar lâmpadas.

Recuperei a cabeça da estátua perdida no fundo do Dilúvio. Desisti de estar como depósito de violência alheia. Não quero mais ser engolida.

Eu não sou de cativo!

Sou onde o corpo dela já não estava. Atlântica. Revelações e desatinos: não ficção. Meu sexo é tudo que está em volta. O que fratura é o controle remoto sobre a minha pessoa. Vejo a mágoa que brota do poço.

Plantou uma serpente tão ruim aqui dentro, vestindo meu corpo nu numa sarjeta rua.

São os maridos que matam as mulheres!

Dizem que naquele deserto chove sal. Chá de coca. As celebridades em seus molares e caninos alvíssimos. A gente pressupõe o grau de burguesês de um pela brancura do marfim.

A paisagem virou um retrato pendurado na parede e essa cidade em pouco tempo já era! A lei do entorno.



...vozes de lírios vozes...

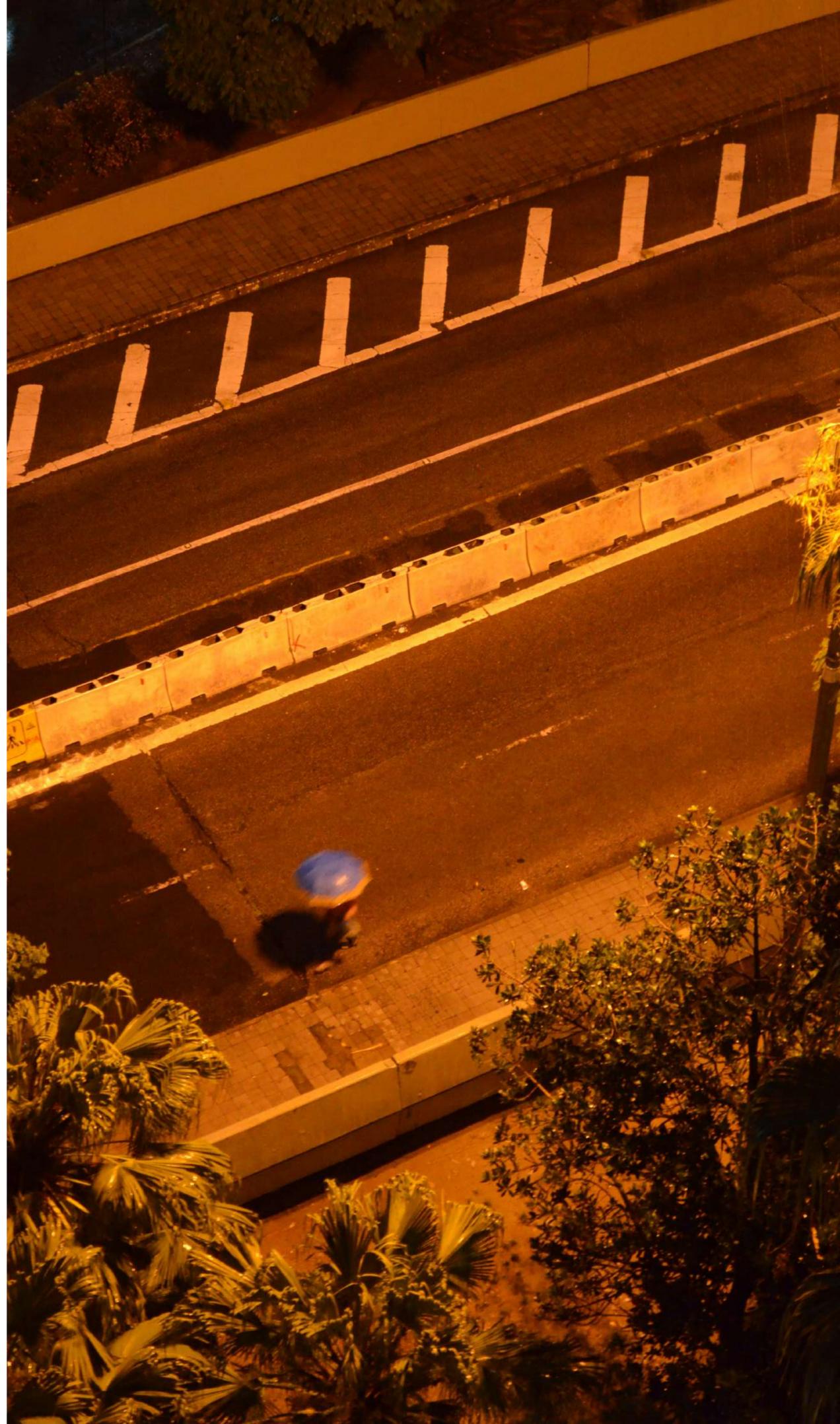
Festejam o corpo arrebetado. Que imagem mais decadente a Porto Alegre de hoje apresenta aos seus! A perda do patrimônio, da memória, da liberdade, da identidade – o desaparecer. Para que não me arrebetem tão cedo penso em ir de muda para Isla de Flores.

Uma mangueira mesmo a distância se deixa conhecer pelo porte da cabeleira. Minhavó era maior que a casa. Ela deu o prêmio. Lá no meio das Nzingas, das Minas, dos Gangas, no meio dos Jongos, Congadas Candombes Maçambiques. E a talha de barro na cabeça equilibrada.

Me sinto como se fosse um produto com falha de fabricação e que não se nota sem telescópio, microscópio. Esse que me corre agora é um arrepio velho. Uma porta para o passado. Famílias errantes enterradas a céu aberto. Santiago dorme aos pés da cordilheira. Os rios de pedra são como caminhos naturais. A micropolítica foi o que nos juntou. Em relação às ditaduras que se revezam penduradas no horizonte: é possível pensar que até o Império Romano caiu.

Me desobriguei de dar satisfação sobre o que faço. Já não quero plantas, não quero cachorros, nem gatos, não quero filhos, desisti de construir uma “família”, me despi da ideia de lotar um apartamento com discos livros jornais velhos, não quero quadros, não quero sapatos, não Quero-Ouero em gaiolas, não quero quefir de leite. E diante da ação do Tempo [o mesmo que devora os próprios filhos] seguir invernando modas, cometendo erros de dactilogravuras mimeotaquigrafadas até onde possa.

Quase sempre prefiro os bares que servem gentileza e bolhas de silêncio. O sexo se refere ao biológico, o gênero ao simbólico. Preciso aprender com as formigas caminhos que levem ao coração de terra.



Hoje me acalmastes de um jeito que só as mulheres conseguem!

Entendi que a capacidade de rir de si mesma não é uma alegria boba. Pesos e contra pesos.

Fui capaz de sentir a pequena nuvem que só sabia sombra. Sobre ela se fez sol e chuva, quando pode.

Na janela, onde o pai dormia de cansaço, morava uma montanha completamente careca. A paisagem refletia-lhe o espírito vagando sem paz.

Você chora?

Varreu para o teto do apartamento as palavras que se acumularam sobre as coisas de comer. Um murundum que quase impedia o giro das pás do ventilador.

Também no colo da poesia as coisas são feitas de mistério - pensou.

Pra mim uma pedra representa um mundo.

Ela sempre viveu aqui. Pelos olhos. Dentro deles.

Meu corpo é história. É ancestralidade indígena, é pré história preta.

Como podem as senhoras católicas em todo o seu progressismo pedirem a morte de alguém. Eu não me conformo! É muita dor junta. Nada de empatia nessa visão seletiva.

O racismo atravessa o tempo e o espaço.

Aqui nessa casa mora também o analfabetismo a misoginia a transfobia.

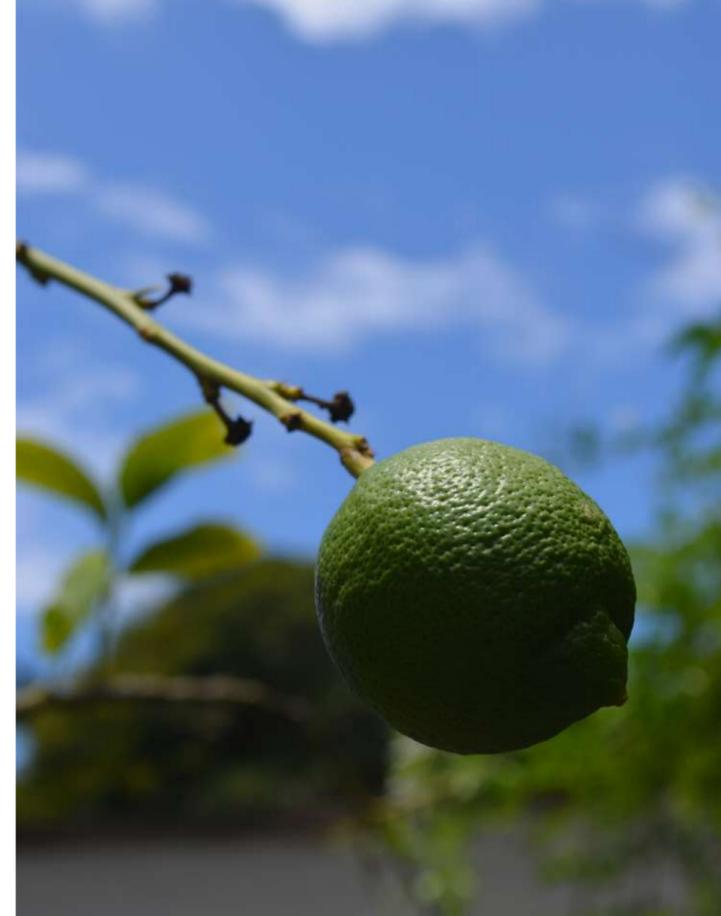
O apagamento das diferenças. Mbya Guaranis. Terenas. Kraenacks. Kayapós. Guaicurus. Charruas. Yaros... É indigesto me ver ali, mas é necessário que eu esteja sendo vista ali. Resistindo, escrevendo, escurecendo, sendo.

Eles querem é a nossa lagosta. E novamente ofereceram miçangas e espelinhos!

Dizem pouco, falam demais. Se afundam com as próprias palavras.

Lido com pessoas falsas desde os dez anos de idade.

É o Brasil profundo!



Serei a mendiga que possui uma Magliani. Vou vender o apartamento e ir-me.
Na carteira profissional: Meliante Cultural, Arruaceira.

Como a ciência e a arte ajudaram a construir o racismo, o machismo, a pretensa superioridade de um grupo sobre os demais?

Vidas negras importam!

A gente achava que ele dormia de salto alto, mas não.

Trocar o nome dos amores é algo horrível.

Ah esse humor me diverte!

O que te tempera para além do pó do mascavo, uma garoa com vento?

Para fabricar silêncios, amarrar ideias, visitar estrelas, desenvolver conchas e pinças é preciso aguardar que os dias e as noites se amontoem como roupa suja. Lembro bem que por um período as famílias em volta traziam pequenas hortas nos quintais [mesmo que em realidade isso significasse míseros pés de couve, aipim e uma lata enferrujada com tempero verde]. E as refeições aconteciam em casa com direito a guardarmos lugar para a sesta. Mas agora nos movemos em uma gradativa diminuição do tempo livre, na agitação dos boletos - com o agravante de que o dinheiro ganho não sobra - mal dando para a feira de sábado. Por onde andam as cartas de amor? Como fazem falta, sobretudo aquelas carregadas com a magia de retardar o tempo.

Angola, tens para essa partida algum plano outro?

Chega de saudade, para as mulheres as coisas das mulheres.



Leandro Machado

Bacharel em Artes Visuais com habilitação em Pintura e licenciado em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Possui Especialização em Saúde Mental no Hospital Psiquiátrico São Pedro, Residência Integrada em Saúde, pela Escola de Saúde Pública de Porto Alegre. Desde 1998, participa de exposições coletivas e já realizou várias exposições individuais. Em 2012, foi selecionado como artista convidado do Projeto Casa Grande *Prêmio Funarte de Arte Negra*, Ministério da Cultura. Em 2015, foi selecionado pelo FUMPROARTE da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS, para a realização do Projeto *Arqueologia do Caminho*. Em 2017, recebeu o 1º Prêmio de Arte Contemporânea da Aliança Francesa, em Porto Alegre. Em 2018, seu projeto *Leandro Machado – Arqueologia do Caminho* foi agraciado pelo Edital SEDACTEL do Concurso Pró-cultura RS FAC #juntospelaculturainscrito e produção da STEPHANOU Cultural na finalidade: Circulação Nacional/Internacional. Entre dezembro de 2018 e agosto de 2019 apresentou seu livro e sua Exposição *Arqueologia do Caminho* em três países: Brasil, em Porto Alegre no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul/MACRS, e em Rio de Janeiro, no Espaço Cultural Canto da Carambola; no Uruguai, em Montevideu, na Galeria Marte; e na França, em La Rochelle, no *Centre Intermondes*. frotage2005@yahoo.com.br

Leandro Machado

Bachelor of Arts degree in Visual Art with emphasis in Painting and a degree in Art Education from the Federal University of Rio Grande do Sul/UFRGS. He specialized in Mental Health [care] at the Hospital Psiquiátrico São Pedro and carried out an Integrated Residence in Health, School of Public Health in Porto Alegre, RS, Brazil. Since 1998, he has participated in group exhibitions and has held several individual exhibitions. In 2012, he was selected as a guest artist for the Casa Grande Prêmio Funarte de Arte Negra Project, of the Ministry of Culture. In 2015, he was selected by FUMPROARTE of the Municipality of Porto Alegre, RS, to carry out the Project Archeology of the Way. In 2017, he received the 1st Contemporary Art Award from Aliança Francesa, in Porto Alegre. In 2018, his project Leandro Machado - Arqueologia do Caminho was awarded by the SEDACTEL Edital of the RS-FAC Pro-culture Contest #juntospelaculturainscrito and production of the STEPHANOU Cultural for: National / International Circulation. Between December 2018 and August 2019, he presented his book and his Exhibition Archeology of the Way in three countries: Brazil, in Porto Alegre at the Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul / MACRS, and in Rio de Janeiro, at the Cultural Space Canto da Carambola; in Uruguay, and in Montevideo, at the Galeria Marte; and in France, at La Rochelle, at the Center Intermondes. frotage2005@yahoo.com.br